

Pós-doutorado em estudos literários (POSLIT/UFMG). Pós-doutorado em Herança Africana, Instituto Caro y Cuervo (ICC/Colômbia). Doutor em letras – Teoria da Literatura – pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), na área de teoria da literatura: literatura, memória e história: representações literárias regionais. Mestre em educação e contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Formação em psicanálise pela Escola Superior de Psicanálise e Orientação (Espo). Especialista em linguística textual (UNEB). Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de educação, relações étnico-raciais, história, literatura e cultura africana, afro-brasileira e indígena. Professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia, e do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado da Bahia, Campus X. Coordenador do Projeto de Pesquisa e Extensão Sankofa: Diálogos (In)disciplinares – UNEB/Campus X. Coordenador do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade Uati/Ceviti – Campus X/UNEB. Membro do Nupeees (Núcleo de Pesquisa e Ensino em Experiência do Sensível) (UFSEB). E-mail: fratergean@yahoo.com.br / gpsantana@uneb.br. <http://lattes.cnpq.br/4418200245018478>



<http://eduneb.uneb.br>

Este livro representa, dentre tantas coisas, um percurso de pesquisa e uma homenagem à memória das comunidades quilombolas do extremo sul da Bahia. Mostra a trajetória profícua de um pesquisador, que trilhou o caminho dos *viajantes* da pesquisa-conhecimento. Ao tomar Helvécia (Bahia) como contexto de estudo, revela histórias das noites e dos dias dos moradores, muitas *escondidas* nas cantorias das mulheres, anunciadas em momentos rituais religiosos, acompanhadas pelo som de tambores. Fala também das vozes silenciadas e que se vocalizam nas representações do *embarreiro*, na dança do *bate-barriga*, nos encontros festivos ou em atos de organização política em prol do reconhecimento da remanescente quilombola. Ao dar visibilidade às mulheres de Helvécia, o autor firma compromisso político-ético e social com o movimento de luta pelo direito à cidadania. É através da análise discursiva e da voz das cantadoras que este trabalho escreve sua relevância: o registro da experiência temporal de manutenção da tradição ancestral. A poética da oralidade ganha, neste trabalho, a força da palavra-resistência, que promove pertencimento e reconhecimento.

Livia Alessandra Fialho da Costa



<http://eduneb.uneb.br>

GEAN PAULO G. SANTANA

VOZES E VERSOS QUILOMBOLAS
UMA POÉTICA IDENTITÁRIA E DE RESISTÊNCIA EM HELVÉCIA

Eduneb
Editora da Universidade do Estado da Bahia

GEAN PAULO GONÇALVES SANTANA

VOZES E VERSOS QUILOMBOLAS

UMA POÉTICA IDENTITÁRIA E
DE RESISTÊNCIA EM HELVÉCIA

Eduneb
Editora da Universidade do Estado da Bahia

Este livro apresenta os cantos-poemas, uma expressão poética oral do quilombo de Helvécia, no extremo sul da Bahia.

Contextualmente, os cantos-poemas ilustram o sentido da voz em Helvécia: negociações, reflexões e lutas pela cidadania e pela liberdade desde a Colônia Leopoldina, uma sesmaria constituída em 1818 e da qual se originou o atual Quilombo de Helvécia. Os cantos-poemas, construídos a partir de experiências intersubjetivas e vocalizados pelas negras cantadoras, são acompanhados pelo toque do tambor deitado, ganham corpo, ritmo e significação nas performances do *bate-barriga*, do *embarreiro* e nas litanias ao explicitarem histórias ancestrais, louvores e orações, conflitos, amores e trabalho, e, como instrumento poético, de lutas e de celebrações sagradas, acionam memórias que trazem expressões que lidam com a representação da herança africana, suas identidades e ressignificações.

VOZES E VERSOS QUILOMBOLAS



Universidade do Estado da Bahia - UNEB

José Bites de Carvalho
Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Ávila
Vice-Reitor



Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

Sandra Regina Soares
Diretora

Conselho Editorial

Titulares	Suplentes
Alan da Silva Sampaio	Agripino Souza Coelho Neto
Antenor Rita Gomes	Ana Lúcia Gomes da Silva
Darcy Ribeiro de Castro	Eduardo José Santos Borges
Elizeu Clementino de Souza	Isaura Santana Fontes
Gabriela Sousa Rêgo Pimentel	Márcia Cristina Lacerda Ribeiro
Hugo Saba Pereira Cardoso	Marcos Antonio Vanderlei
Janaina de Jesus Santos	Marcos Aurélio dos Santos Souza
Luiz Carlos dos Santos	Marcos Bispo dos Santos
Maria das Graças de Andrade Leal	Marilde Queiroz Guedes
Reginaldo Conceição Cerqueira	Maristela Casé Costa Cunha
Rosemary Lapa de Oliveira	Marluce Alves dos Santos
Rudval Souza da Silva	Monalisa dos Reis Aguiar Pereira
Simone Leal Souza Coité	Mônica Beltrame
Valquíria Claudete Machado Borba	Nilson Roberto da Silva Gimenes

GEAN PAULO GONÇALVES SANTANA

VOZES E VERSOS QUILOMBOLAS

uma poética identitária e de
resistência em Helvécia

Salvador
EDUNEB
2020

© 2020 Autor

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.

Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

Impresso no Brasil em 2020.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Revisão textual e Normalização

Henrique Torres | Tikinet

Capa e Diagramação

Sidney Silva

Revisão textual de prova

Itana Nogueira Nunes

Revisão de diagramação de prova

George Luís Cruz Silva

FICHA CATALOGráfICA

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Santana, Gean Paulo Gonçalves

Vozes e versos quilombolas: uma poética identitária e de resistência em
Helvécia /Gean Paulo Gonçalves Santana. – Salvador: EDUNEB, 2020.

336 p.: il.

ISBN 978-65-88211-24-3.

1. Poética. 2. História oral – Helvécia (BA). 3. Cantos e poemas. I. Título.

CDD: 808.1

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

www.uneb.br

AGRADECIMENTOS

Inspirado pelo som dos tambores *angoma* e *caburé*, movimento as energias necessárias, agradecido à Entidade-símbolo, águia a guiar meus caminhos nesse rito de passagem, uma ciência iniciatória que permanecerá comigo para além da academia, forjando a minha existência humana. Salve Deus!

Salve, Lourdes e Tana, minhas avós, as mais velhas que conheci da família e que me embalaram com narrativas e canções; salve dona Minininha, mãeinha, cuja força luminosa e arte de tecer fios e vida dá direção ao meu barco humano; à memória do alfaiate Valdomiro, meu Pai, que, nesta vida e noutra, cinge minhas fraquezas, e que se encantou, 12 dias antes de meu ingresso no doutorado. Salve minhas irmãs, meu irmão, meus cunhados, sobrinhos e amigos, caros ao meu coração.

À interlocação construtiva com os orientadores, professores do doutorado em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e membros das bancas que qualificaram o percurso e resultados da pesquisa. Ao mergulharem em meu discurso analítico sobre os cantos-poemas, aprofundaram meu olhar, enriquecendo-me com detalhes preciosos sobre a vida que se desdobrava e multiplicava na poética quilombola de Helvécia.

Às mulheres negras cantadoras que, com suas experiências partilhadas, escandalosamente romperam meu pequeno mundo: Antônia Francisca (Toninha), Faustina Zacarias, Brasília Aleixo, Jucelina Florentina dos Santos (Dona Cheia), Fidelina Florentina dos Santos, Maria Dajuda dos Santos, Francisca Aleixo (Kadan), Maria

da Conceição (Dona Cocota), Amelina dos Santos Constantino e Maria da Conceição dos Anjos. Agradeço a arte do olhar humano, dos saberes e das verdades em contínua construção: raiz, flor, fruto, sementes de luta e resistência identitária no extremo sul da Bahia.

À EDUNEB, pelo respeito e por todo o cuidado dedicado às nervuras dessa história do tempo vivido e do tempo contado, gratidão. Ao se apropriar do meu canto-poema, possibilitou a escuta em outros territórios. *Axé. Awéryy. Paz e bem.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	15
ANCESTRALIDADE, MEMÓRIA E RECONHECIMENTO QUILOMBOLO EM HELVÉCIA	37
DO COURO DO TAMBOR AO CORO DAS MULHERES NEGRAS	107
POR QUE CANTAM OS TAMBORES E AS MULHERES	199
ÚLTIMO BATUQUE: ERGUENDO O TAMBOR DEITADO	263
REPOSITÓRIO DE CANTOS-POEMAS: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE EM VERSOS	271
REFERÊNCIAS	325

Utilize o QR CODE ou o LINK
abaixo para ter acesso ao vídeo-
documentário elaborado através
da pesquisa de campo.



[HTTPS://YOUTU.BE/VPSW5DD7OPO](https://youtu.be/vpsw5dd7opo)

PREFÁCIO

Este livro de estreia do pesquisador Gean Paulo Gonçalves Santana é um importante registro da força política da mulher negra no Brasil, sustentada no canto, na dança, no tambor e na ação coletiva. Hoje temos consciência do protagonismo das mulheres em diversos movimentos sociais, na promoção de transformações em benefício da comunidade, de modo que já não se concebem ações antirracistas sem que se considerem as questões relativas à mulher. Este livro se debruça sobre as ações de um grupo de mulheres negras de Helvécia, no sul da Bahia, em que poesia e política se mesclam, organizando a vida em sociedade a partir do canto dançado, em solidariedade. Trata-se de importante trabalho de pesquisa etnopoética que coloca em prática, na observação participativa e dialógica, conceitos da maior relevância para os estudos contemporâneos da poesia oral, como os de voz, vocalidade e performance, que superam a abordagem da sonoridade e consideram as ações do corpo em seus cinco sentidos.

Conheci Gean Paulo Gonçalves Santana no I Seminário Internacional de Literatura Afrolatina (Sili afro), em Uberlândia, no Triângulo Mineiro. Encerrada a sessão, da qual participei com uma apresentação sobre cantos rituais da tradição oral afro-brasileira, ao sair do auditório para ver os pôsteres e a feira de livros, fui abordada por um rapaz alegre e sorridente que disse querer muito conhecer melhor e trocar informações sobre minha pesquisa com os cantos dos negros de Minas Gerais. Identificou-se como doutorando na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e do Ensino Médio. Naquele momento, como se pode depreender, ele se

desdobrava entre uma formação teórico-metodológica no Programa de Pós-Graduação em Letras no sul do país e uma intensa pesquisa de campo no sul da Bahia, no Nordeste brasileiro. Na ocasião, perguntei-me como ainda encontrava disponibilidade e disposição para se deslocar até o Sudeste, no intuito de acompanhar as discussões sobre as manifestações literárias da chamada diáspora africana na América Latina. Foi assim: aquele rapaz me ofereceu um colar, que recebi como uma peça ritual, e prometemos um diálogo que se estende há mais de oito anos.

Nesse tempo, Gean Paulo visitou Minas Gerais mais de uma vez, participando ativamente das atividades do Festival de Inverno da UFMG, em Diamantina, momento em que privilegiamos a diversidade cultural, artística e religiosa dos índios e negros brasileiros. Conheceu mestres - reis, rainhas e capitães do Rosário, pajés Maxacali, músicos e dançantes da chula e cantadores de vissungos da região diamantina. Cantou e dançou com vários deles, seguiu o cortejo do boi, conheceu o toque dos tambores do candombe e do reinado mineiro. Comeu da comida mineira produzida numa oficina de culinária regional. Conheci então sua abertura para o outro, de corpo e alma.

Após pesquisa de campo realizada no mestrado, que o levou a viver por um tempo em Helvécia – comunidade majoritariamente afrodescendente – buscando entender a transformação de uma colônia suíço-alemã no século XIX em um território remanescente de quilombo no século XXI, em sua própria memória de pesquisador “sobressaíram os cantos das mulheres negras”. Esses cantos-poemas, como designados neste livro que ora se publica, tornaram-se objeto da pesquisa de doutorado de Gean Paulo, que focalizou a poesia oral manifestada nos tambores e cantos dançados das mulheres de Helvécia como forma de resistência cultural dos negros.

Ainda no início de nossa interlocução, sugeri que ele investisse fortemente no registro em vídeo das diversas performances das mulheres de Helvécia. Busquei enfatizar o valor do documento para preservar nossa memória e, em especial, a importância desse trabalho num país jovem como o Brasil, que investe pouquíssimo para preservar a nossa memória. Gean Paulo foi se revelando um excelente interlocutor, qualidade que pressupõe a habilidade da escuta, absolutamente necessária ao pesquisador das manifestações da voz. Encarou com profissionalismo a gravação e a edição em vídeo dos cantos e danças das mulheres de Helvécia e produziu um videodocumentário que garante independência em relação ao texto elaborado a partir das pesquisas de campo e bibliográfica. As letras dos cantos foram transcritas com cuidado e disponibilizadas na seção “Repositório de cantos-poemas: história, memória e ancestralidade”, permitindo que outros pesquisadores façam novas análises dessas poesias e que todos os interessados possam memorizar os cantos, assim como reproduzir o vídeo no aprendizado da dança. Sim, porque o trabalho desenvolvido não se limita à descrição e à interpretação. Vai além, interessando-se pela preservação e manutenção dos cantos e danças como tradição viva do povo brasileiro.

São muitas as circunstâncias e formas do canto-poema: embarreiro, bate-barriga, ofícios em memória aos mortos da comunidade, celebração da vida daquele que morreu há um ano... As mulheres conduzem o pesquisador na trilha da memória coletiva. Dona Antônia Francisca, Dona Faustina Zacarias Carvalho, Dona Brasília Aleixo, as irmãs Jucelina e Fidelina dos Santos, Dona Maria da Conceição dos Anjos, Dona Amelina dos Santos Constantino, Dona Virgínia Lourenço, Dona Maria dos Santos... e aquelas chamadas pelo apelido: a Cocota, a Cucuta, a Kadan... elas contam histórias de outros tempos, tocam o tambor, cantam, dançam. O pesquisador escuta, filma, grava em sua memória e nos suportes materiais

da memória, de modo a difundir e espalhar a força da resistência identitária concentrada na voz.

Quanto ao texto, na trilha da escrita sobre a oralidade e a poesia, o pesquisador encontra grandes mestres que lhe fornecem conceitos inclusivos essenciais. Zumthor, poeta suíço-francês, pesquisador, filólogo e teórico da literatura, que viajou para conhecer em vários lugares do mundo as diversas vozes, abre o campo da observação e conceituação da poesia –, ao incluir o público – e da obra, ao considerar seu aspecto performático:

É poesia, é literatura, o que o público – leitores ou ouvintes – recebe como tal, percebendo uma intenção não exclusivamente pragmática: o poema, com efeito (ou, de uma forma geral, o texto literário), é sentido como a manifestação particular, em um dado tempo e em um dado lugar, de um amplo discurso constituindo globalmente um tropo dos discursos usuais preferidos no meio do grupo social. Muitas vezes alguns sinais o balizam ou o acompanham, revelando sua natureza figurativa: é o caso do canto em relação ao texto da canção. [...] a tensão a partir da qual esta “obra” se constitui delinea-se entre a palavra e a voz, e procede de uma contradição insolúvel no seio de sua inevitável colaboração; entre a finitude das normas de discurso e a infinidade da memória; entre a abstração da linguagem e a espacialidade do corpo. [...] A forma “pura” da obra poética oral é o que, da dimensão dada a seu espaço pelo gesto, subsiste em memória, depois que as palavras foram suprimidas. Tal é a experiência estética que constitui a performance. (ZUMTHOR, 2010, p. 39, 59, 232).

Em suas várias publicações, especialmente em seu grande livro *Introdução à Poesia Oral* (do qual extraio todos os trechos citados aqui), em que reivindica (e creio mesmo que elabora) uma

ciência da voz, Zumthor distingue oralidade e vocalidade e propõe uma poética da voz:

Falta-nos uma poética geral da oralidade que sirva de relê às pesquisas particulares e proponha noções operatórias, aplicáveis ao fenômeno das transmissões da poesia pela voz e pela memória, à exclusão de qualquer outra coisa. [...] É estranho que, entre todas as nossas disciplinas instituídas, não haja ainda uma ciência da voz. Esperemos que ela se forme em breve: ela traria para o estudo da poesia oral uma base teórica que lhe falta. Abarcaria, para além de uma física e de uma fisiologia, uma lingüística, uma antropologia e uma história. [...] durante três milênios, o Ocidente “ouviu falar” na substância fônica. Entretanto, o que me faz insistir neste assunto é, sobretudo, a função extensa da vocalidade humana, de quem a palavra constitui certamente a manifestação principal, mas não a única, nem talvez a mais vital: eu reconheço o exercício de sua força fisiológica, sua faculdade de produzir a fonia, a ação de organizar essa substância. O *phôné* não se une imediatamente ao sentido, mas lhe prepara o meio em que ele se afirmará; como tal, contrariamente à opinião de Aristóteles no *De interpretatione*, ele não produz símbolos. Nesta perspectiva, em que oralidade significa vocalidade, todo logocentrismo se desfaz. (ZUMTHOR, 2010, p. 7, 9, 25).

Nessa abertura de perspectiva para incluir no campo da poesia os cantos das mulheres negras de um território quilombola na Bahia, o pesquisador contou também com outro poeta, tradutor e ensaísta, o mineiro Edimilson de Almeida Pereira, em cuja obra escrita Gean Paulo encontrou o conceito de canto-poema, que sintetiza a força da poesia oral. Mário de Andrade e Oneyda Alvarenga, entre outros, orientam o pesquisador em sua trajetória, oferecendo-lhe categorias

estabelecidas a partir de um significativo repertório de manifestações da poesia oral, registrado em anotações e gravações em viagens pelo Brasil.

Seis anos depois daquele primeiro encontro no Sili afro, convidei Gean Paulo a me acompanhar numa viagem de pesquisa ao Pacífico colombiano. Acompanhados de outro colega da UFMG, partimos com três projetos articulados, em busca de identificações e diferenças entre os cantos, danças, contos orais e poemas escritos do Brasil e da Colômbia, país onde vive a segunda maior população negra da América Latina. Curiosamente, de algum modo retomamos a proposta daquele seminário de 2012, de conhecer a literatura afro-latina. Gean Paulo pôde então comparar os cantos-poemas das mulheres de Helvécia, no extremo sul da Bahia, no Brasil, com os cantos-poemas de mulheres da costa pacífica e do vale do Cauca. Desembarcamos no fabuloso Festival Petronio Álvarez, em Cali, onde um público estimado em 300 mil pessoas vibrava ao som dos tambores, da marimba, das flautas, e dançava buscando acompanhar os ritmos envolventes, fazendo coro às vozes dos cantadores. A partir dali, conhecemos poetas, rezadeiras, músicos e cantadores. Ouvimos relatos sobre os tambores e outros instrumentos, sobre os rituais da tradição oral afro-colombiana. Além disso, assistimos a diversas sessões de poesia declamada e trocamos conhecimentos e emoções com tantas pessoas que se tornaram amigas. Gean Paulo fotografou e gravou em vídeo o que pôde, mas guardou na memória bem mais do que nos instrumentos. Mas isso já é o tema de uma outra publicação que, estou segura, está a caminho.

Sônia Queiroz

Professora associada da Faculdade de Letras
da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

INTRODUÇÃO

Imersos nas beberagens da diáspora negra, apresentamos os cantos-poemas, expressão poética oral do quilombo de Helvécia, no extremo sul da Bahia. Construídos a partir de experiências intersubjetivas e vocalizados pelas negras cantadoras, compuseram o *corpus* da pesquisa de doutorado (SANTANA, 2014).

A proposta do doutorado que originou este livro objetivou registrar os cantos-poemas das mulheres negras de Helvécia, descrever e analisar sua construção a partir de suas expressões que lidam com a representação da herança africana, suas identidades, ressignificações e resistência. Além disso, pretendeu identificar tanto os operadores da enunciação como a própria composição poética de um imaginário afrodescendente, provocada por momentos e movimentos históricos, sociopolíticos, culturais e religiosos.

Diante desses recortes, verificamos em que medida as marcas de silenciamento apontam para fragmentos identitários do histórico afrodescendente na poética oral de Helvécia e, assim, identificamos os possíveis papéis dessa poética.

Com o percurso discursivo-metodológico que compõe o livro, intencionamos conferir visibilidade à produção oral e mostrar que

[...] a leitura literária carece de contextualização histórica, sociocultural, psicológica e até antropológica para que a crítica de obras concretas não resulte em mais um produto tradicionalmente voltado para a consolidação da hegemonia canônica do ocidente. (MATA, 2013, p. 39).